

burgo. E um dos nossos clientes, a AIDS Foundation of South Africa, encarregou-nos de fazer posters, mas de uma forma diferente. Eles queriam que nós fizéssemos uma campanha de comunicação relacionada com o HIV/SIDA, porque a comunicação estava a ser tão ineficaz. E nós tivemos a ideia de fazer retratos de pessoas. Então, o que fiz foi usar o solo que estava na sepultura de um jovem que morreu de SIDA e, a partir daí, criei o retrato dele.

Como surgiu essa ideia? Não é uma escolha óbvia de materiais... Para mim, foi uma forma de tornar as estatísticas de HIV e SIDA – e o impacto que a doença teve nos jovens na África do Sul – em algo mais humano. Transformá-lo em algo tátil, interessante e diferente de toda a comunicação feita até então, porque estava a falhar. Noutro trabalho, eu cheguei a usar as cinzas de cremação de uma jovem que morreu de SIDA para criar o retrato dela. Basicamente, eu usava esses materiais e solo para fazer as pessoas se sentirem desconfortáveis, porque o tema era a mortalidade.

Também era desconfortável para si trabalhar com cinzas humanas e terra de sepultura? Era, mas por causa do material – que era tão cru e incomum – finalmente consegui fazer com que as pessoas olhassem para esses retratos e acho que isso também acabou por fazê-las olhar para o problema da epidemia de HIV e SIDA. O que aconteceu a seguir é que esses posters tornaram-se tema de conversa em todo o mundo e o projecto ganhou sete prémios internacionais. Isso foi, para nós, a prova de que foi um sucesso trazer à luz uma mensagem que as pessoas estavam a ignorar, porque a comunicação não estava a ligar-se a elas a um nível pessoal. Ver um retrato de um jovem ou uma mulher a contar a sua história é diferente.

Numa entrevista anterior sobre o projecto Ashes to Ashes, Dust to Dust, dizia que a arte tem de fazer as pessoas sentir alguma coisa, ter impacto e significado. É isso que procura também com o trabalho que está a desenvolver na Madeira? Absolutamente. E acho que não só para quem está a olhar para a arte, também mudou algo em mim. O projecto Soil & Soul funciona como uma espécie de regresso a essa conversa. Eu uso o mesmo médium [o solo], mas, para mim, o significado mudou.

A sua nova instalação cruza o solo vulcânico da Madeira com a figura da baleia. Como se ligam, para si, a terra, o oceano e a vida animal nesta obra? O meu trabalho anterior foi sobre a mortalidade e como regressamos à terra, ao solo. Na Madeira, uso areia vulcânica e os vulcões são conhecidos por serem destrutivos, mas também são criadores. As cinzas e a lava explodem, lançando minerais, criando solos, e

criando um ambiente para que novos ecossistemas se desenvolvessem. Então, para mim, em termos de significado, o solo deixou de estar associado à morte e passou a ser vida nova, o início e a criação. O facto de retratar uma baleia acrescenta também uma nova dimensão: a ligação entre a terra, o oceano e a vida marinha extraordinária que existe na Madeira.

No seu trabalho na África do Sul, procurava tornar visível um problema social que as pessoas tinham deixado de ver. O Soil & Soul parte de uma preocupação semelhante com as questões ambientais? Acho que é muito semelhante, porque tomamos as coisas como garantidas. Se algo não está directamente à nossa frente, seguimos o nosso dia, vivemos, movimentamo-nos. As coisas não nos afectam necessariamente da mesma forma que nos afectaríamos se tivéssemos de as enfrentar directamente. E acho que a arte é uma maneira de tornar visível o que não se vê. É uma forma de começar uma conversa. Por isso, para mim, é uma transformação interessante de como um médium pode trazer consciência, começar uma conversa e, em última análise, provocar uma mudança.

Não é apenas sobre a arte ser bonita e ser apreciada. É sobre transmitir uma mensagem? Absolutamente. Eu acho que é o trabalho dos artistas. Quando penso no Banksy e em tantos outros artistas, é sobre o comentário social... É uma maneira de os artistas dizerem o que não está dito.

Acha que isso é algo que faz falta



NA MADEIRA, O SOLO DEIXOU DE ESTAR ASSOCIADO À MORTE E PASSOU A SER VIDA NOVA, O INÍCIO E A CRIAÇÃO

A ARTE É UMA MANEIRA DE TORNAR VISÍVEL O QUE NÃO SE VÊ. É UMA FORMA DE COMEÇAR UMA CONVERSA (...) E PROVOCAR UMA MUDANÇA

É SOBRE TRAZER CONSCIÊNCIA PARA O QUÃO FUNDAMENTAL É O SOLO PARA A VIDA E PARA AS FUTURAS GERAÇÕES

na cena artística aqui na Madeira? Há muito tempo, sim, tem sido. Mas eu acho que há definitivamente uma mudança a acontecer e há uma plataforma, especialmente no âmbito do SoilTribes, a iniciativa europeia que patrocina este projecto.

Isso cria oportunidades para as pessoas realmente pensarem – não apenas no médium como uma escolha artística – mas também sobre a importância fundamental de ter solos saudáveis para as futuras gerações, para a vida, para os ecossistemas e a geologia, para podermos prosperar.

Há pouco falávamos sobre ter a baleia como elemento central desta peça e isso liga-se à nossa mensagem de que eu posso conectar o solo com o oceano, com a vida. Para mim, isso está tão interligado que faz parte de uma visão maior.

Está a usar materiais naturais como areia vulcânica e solo. Como é trabalhar com estes elementos na prática? Então, anteriormente trabalhei com solo na África do Sul e era muito diferente. A areia era mais fina do que a que encontramos aqui, que é uma mistura de minério e de rocha vulcânica. Então, é muito mais grossa e eu tive de familiarizar-me com o material. Eu colectava muita areia da Praia Formosa, que tem uma cor bonita, profunda, preta. É óptima para o contraste. A partir daí, comecei a experimentar com os solos, colando ponto a ponto, sobrepondo a areia, até começar a ver o resultado. Obviamente, era um pouco menos refi-

nado que o meu trabalho anterior, mas há beleza nisso também, porque o médium é o que transmite a identidade da ilha. O solo é mais agreste, mas isso também liga a arte à ilha, porque pertence ao lugar onde foi criado.

Quanto tempo é que demorou a concluir esta instalação? O primeiro projecto demorou dois meses, entre períodos de trabalho, não a tempo inteiro. Estou actualmente ocupada com a segunda peça, que vai ser mostrada ao lado desta, do mesmo tamanho, e agora tenho um pouco mais de atenção e foco nela, por isso vai ser um pouco mais rápido.

Mas é realmente um estado meditativo, fazendo ponto por ponto, peça por peça. É algo para o qual é preciso ter muita paciência.

Nesse sentido, acho que há beleza em pensar no processo e no que se está a fazer. A tactilidade do solo, a sensação, isso muda alguma coisa em quem trabalha com ele, e a minha esperança é que, quando as pessoas olharem para isto, também mude alguma coisa nelas.

O que espera, então, que as pessoas pensem ou sintam quando olham para a obra? Que reacção gostaria de provocar? Acho que o ponto de partida para a conversa seria, inicialmente, vê-la como arte. Mas, quando olham mais de perto e vêem o cuidado com que foi trabalhada, quase como se fosse um médium precioso, começam a perceber outra coisa.

Quero chamar a atenção para a importância de como nos desligamos e criamos uma distância em relação à valorização do solo como recurso. E acho que esse é também o maior tema e o que mais me preocupa no projecto Soil & Soul. É sobre trazer consciência para o quão fundamental é o solo para a vida e para as futuras gerações.

Acho que começar a conversa é olhar para a arte, mas depois olhar mais profundamente para o que ela é e perceber que é mais do que apenas solo, é mais do que algo debaixo dos nossos pés.

E, com o grande projecto em que estou envolvida, em que criamos peças e fizemos diversos workshops com o solo, e tudo o que está envolvido no projecto Soil & Soul, acho que isso conta a história. Isto é apenas uma peça do puzzle, numa história maior.

Para terminar, há alguma mensagem que gostasse de deixar a quem vai conhecer esta obra? Acho que, a partir do trabalho anterior que fiz, há um tema que encontro com o tempo: incentivar as pessoas a parar e a sentar-se, a não levar a vida demasiado depressa, a relaxar, a apreciar o agora, o momento, aquilo que está à sua frente. Pode ser algo tão importante que nem pensem nisso, mas talvez um dia já tenha passado. Por isso, apreciem, parem e aproveitem cada segundo.

